

REVISTA NACIONAL DE REABILITAÇÃO



# REAÇÃO

INCLUSÃO E ACESSIBILIDADE DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA,  
MOBILIDADE REDUZIDA, FAMILIARES E PROFISSIONAIS DO SETOR

ANO XIX - Nº 111  
JULHO/AGOSTO 2016



**PARALIMPÍADAS**  
2016

**FOI DADA  
A LARGADA !**



**MOBILITY & SHOW**

**FEIRA FOI UM SUCESSO 2016  
E SUPEROU AS EXPECTATIVAS !!!**



**TESTE  
DRIVE**



**ENTREVISTA**

**Maestro  
Sidney Lissoni**



**MERCEDES-BENZ C 200**

**CADERNO**

**Técnico &  
Científico**



# PRÁTICA DE EXERCÍCIOS AUXILIA NA RECUPERAÇÃO FÍSICA E EMOCIONAL DE PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Por Rogério Vidal de Lima

Quase um terço dos atletas paralímpicos foi vítima de algum tipo de acidente, segundo comitê

As Paralimpíadas Rio 2016 ajudaram a difundir as modalidades adaptadas e inspiraram muitas pessoas a pensar na possibilidade de começar a praticar algum tipo de esporte. No caso da competição, 278 atletas competiram em 23 modalidades e mostraram ao mundo que aquele pensamento de “coitadinho” está mais do que ultrapassado.

Nos últimos anos muitas melhorias foram conquistadas nas políticas públicas para as



peças com deficiência, mas ainda é preciso progredir em muitas áreas e uma delas é no incentivo financeiro e motivacional das modalidades esportivas adaptadas.

Todas as pessoas podem, e devem, praticar atividade física após alta médica de acordo com suas potencialidades e respeitando seus limites. Os benefícios são diversos como, por exemplo, melhoria do tônus muscular,

ACESSE NOSSO SITE:  
[www.revistareacao.com](http://www.revistareacao.com)

do padrão respiratório, do equilíbrio e da coordenação motora. Além disso, se exercitar garante melhoria na qualidade de vida e no bem estar geral das pessoas que sofreram um acidente grave ou já nasceram com algum grau de deficiência.

Às vezes, essas pessoas passaram por meses de internação, estresse, dor, e encarar a nova realidade física e motora pode assustar e até deprimir. Então, o esporte pode ser uma opção para quem precisa enxergar a vida a partir de uma nova perspectiva. Além do acompanhamento de uma equipe multidisciplinar, uma nova rotina pode ajudar e muito na recuperação.

O exercício físico auxilia na descoberta da nova realidade corporal, na reabilitação motora e na percepção de que existem muitas atividades bacanas para quem possui deficiência. É possível perceber também ganhos na recuperação emocional e no fortalecimento da autoestima. Muitas vezes o esporte serve também como aliado para incentivar a independência na execução das atividades diárias básicas já que a pessoa começa a se sentir mais capaz de fazer as coisas sozinhas e com segurança.

É importante lembrar que o início dos exercícios deve ocorrer somente após alta médica e deve ser acompanhado de profissionais para evitar agravamento do caso ou uma nova lesão. A rotina e o tipo de trabalho muscular serão elaborados de acordo com as necessidades de cada pessoa. Neste caso, um profissional de educação física pode ajudar na escolha do tipo de esporte e na elaboração da rotina de treinos.

Por fim, defendo que devemos falar menos em limitações e mais sobre capacidades, habilidades e na urgente necessidade de investimento em infraestrutura para garantir a inclusão e a acessibilidade. O que nossos atletas mostraram é que deficiência definitivamente não é sinônimo de imobilidade. Esporte é saudável e deve ser garantido para todos.



**Rogério Vidal de Lima** é ortopedista e especialista em Coluna pelo Hospital das Clínicas de SP. É membro da Sociedade Brasileira de Ortopedia e Traumatologia (SBOT), membro da Sociedade Brasileira de Patologias da Coluna e ainda da International Affiliate Membership of AAOS - American Academy of Orthopedic Surgeons.

## ENTENDENDO A DISLEXIA

Por Nathalia Zambotti

Dislexia é a dificuldade de leitura e escrita caracterizada pelo obstáculo encontrado na correspondência entre os símbolos gráficos e os fonemas, bem como na transformação de signos escritos em signos verbais.

Essas inabilidades ficam mais evidentes no período de alfabetização e nos primeiros anos do ensino fundamental, no entanto é preciso entender e estar atento a cada fase normal de desenvolvimento da criança e dos possíveis erros que ela possa apresentar.

Os principais sintomas variam de acordo com os diferentes graus de gravidade do distúrbio. Entre os sinais mais comuns, que podem indicar dislexia, encontram-se: dificuldades para ler, escrever e soletrar; de compreensão de texto; reconhecer rimas e aliterações; decorar a tabuada; erros ortográficos como troca de letras, inversão, omissão ou acréscimo de letras e sílabas e, também, problemas de organização temporal, espacial e coordenação motora.

O diagnóstico da dislexia é feito por exclusão, já que só pode ser considerado disléxico o sujeito que não apresente deficiências visuais e auditivas, déficit de atenção, escolarização inadequada, problemas emocionais, psicológicos e socioeconômicos que possam interferir na aprendizagem. É necessário não usar o termo "dislexia" incorretamente ou em demasia. Por isso o diagnóstico deve ser realizado sempre em equipe multidisciplinar, composta por médico neurologista, fonoaudiólogo e psicólogo.

Ter o diagnóstico de dislexia não significa que o sujeito apresente comprometimentos cognitivos, mas é importante considerar



que a dificuldade leva a desmotivação frente a aprendizagem.

O tratamento da dislexia, quando não há outras comorbidades, não requer o uso de medicamentos e a terapia com fonoaudiólogo especialista em linguagem é fundamental para trabalhar especificamente o processo de construção da escrita e do erro. Em alguns casos também é necessário a intervenção da psicopedagogia e da psicologia. Os pais, assim como a escola e os professores, são partes importantes na condução do processo de entendimento das dificuldades em ler e escrever e nas descobertas das potencialidades de cada indivíduo.

De acordo com a legislação vigente (Lei 13.146 capítulo IV art. 27 a 30), a escola deve estar preparada para fazer as possíveis adaptações de atividades e avaliações, com objetivo de trabalhar com as necessidades individuais de cada aluno, tomando sempre todos os cuidados para não causar exposição e lembrando que, segundo o desenho universal de aprendizagem, a educação deve ser para todos e para cada um.



**Nathalia Zambotti** é mestre em Fonoaudiologia pela FUC-SP, atuando, principalmente, na área de terapia de linguagem, avaliação e reabilitação auditiva. Professora convidada da Pós-Graduação em Neurociências da FacCamp.